

## CAPÍTULO 1

### A GRANDE DIVERGÊNCIA

A história econômica é a rainha das ciências humanas. Tem como objeto *A natureza e as causas da riqueza das nações*, título da grande obra de Adam Smith. Os economistas procuram as “causas” numa teoria atemporal do desenvolvimento econômico, enquanto os historiadores econômicos situam essas causas num processo dinâmico de transformação histórica. A história econômica se tornou especialmente instigante nos últimos tempos, quando a pergunta fundamental – “por que alguns países são ricos e outros são pobres?” – adquiriu abrangência mundial. Cinquenta anos atrás, a pergunta era “por que a Revolução Industrial aconteceu na Inglaterra e não na França?”. As pesquisas sobre a China, a Índia e o Oriente Médio têm ressaltado o dinamismo intrínseco das grandes civilizações do mundo, de modo que, hoje em dia, o que precisamos perguntar é por que o crescimento econômico teve seu arranque na Europa em vez de se dar na Ásia ou na África.

Não existem dados muito sólidos sobre as rendas no passado distante, mas, ao que parece, em 1500 não havia grandes diferenças de prosperidade entre os países. A atual divisão entre ricos e pobres surgiu, em larga medida, depois que Vasco da Gama foi até a Índia e Colombo descobriu as Américas.

Podemos dividir os últimos quinhentos anos em três períodos. O primeiro, que se estendeu de 1500 até 1800 aproximadamente, foi a *era mercantilista*. Começou com as viagens de Colombo e Gama, que levaram a uma economia mundial integrada, e terminou com a Revolução Industrial. As Américas foram colonizadas e exportavam

prata, açúcar e tabaco; os africanos foram levados como escravos para as Américas para produzir esses bens; a Ásia enviava para a Europa especiarias, produtos têxteis e porcelanas. Os principais países europeus procuraram aumentar seu comércio internacional adquirindo colônias e utilizando tarifas alfandegárias e guerras para impedir que outros países comerciassem com elas. A manufatura europeia se desenvolveu às custas das colônias, mas o objetivo não era o desenvolvimento econômico em si.

Isso mudou no segundo período, o do *emparelhamento* no século XIX. Quando Napoleão foi derrotado em Waterloo em 1815, a Grã-Bretanha tinha estabelecido sua liderança na indústria e dominava a concorrência com outros países. A Europa Ocidental e os Estados Unidos tomaram o desenvolvimento econômico como prioridade e tentaram atingi-lo com um conjunto padrão de quatro políticas: a criação de um mercado nacional unificado, eliminando as tarifas internas e construindo uma infraestrutura de transportes; o estabelecimento de tarifas externas para proteger suas indústrias contra a concorrência britânica; a criação de bancos para estabilizar a moeda e financiar o investimento industrial; a instituição do ensino de massa para qualificar a força de trabalho. Essas políticas tiveram êxito na Europa Ocidental e na América do Norte, e os países dessas regiões se somaram à Grã-Bretanha para formar o grupo atual das nações ricas. Alguns países latino-americanos adotaram essas políticas de maneira incompleta e sem grande sucesso. A concorrência britânica desindustrializou a maior parte da Ásia e, quando o tráfico escravo britânico terminou, em 1807, a África exportava óleo de palma, cacau e minérios.

No século XX, as políticas que tinham funcionado na Europa Ocidental, sobretudo na Alemanha, e nos Estados Unidos mostraram menor eficácia nos países que ainda não tinham se desenvolvido. A maior parte da tecnologia

é inventada nos países ricos, e eles desenvolvem tecnologias que utilizam um volume cada vez maior de capital para aumentar a produtividade de sua mão de obra cada vez mais cara. Grande parte dessa nova tecnologia não é rentável nos países com mão de obra barata, mas é dela que precisam para se emparelhar com o Ocidente. A maioria dos países tem adotado a tecnologia moderna, em maior ou menor grau, mas não com rapidez suficiente para se alcançar os países ricos. Os países que cobriram a distância que os separava do Ocidente, no século XX, conseguiram isso com um *Grande Impulso*, coordenando o planejamento e o investimento para dar esse salto à frente.

Antes de entender *como* alguns países enriqueceram, temos de situar *quando* houve esse enriquecimento. Entre 1500 e 1800, os países atualmente ricos conquistaram uma pequena dianteira, que pode ser medida em termos de PIB (Produto Interno Bruto) *per capita* (Tabela 1). Em 1820, a Europa já era o continente mais rico. O PIB *per capita* era o dobro do da maioria do mundo. O país mais próspero era a Holanda, com uma renda *per capita* média (PIB) de \$1.838 dólares. Os Países Baixos tiveram um arranque no século XVII, e a grande questão de política econômica em outros países era como alcançar os holandeses. Era o que estavam fazendo os britânicos. A Revolução Industrial havia se iniciado duas gerações antes, e a Grã-Bretanha era a segunda economia mais rica, com uma renda de \$1.706 em 1820. A Europa Ocidental e as ramificações da Grã-Bretanha (Canadá, Austrália, Nova Zelândia e os Estados Unidos) tinham rendas entre \$1.100 e \$1.200. O resto do mundo ficava bem atrás, com rendas *per capita* entre \$500 e \$700. A África era o continente mais pobre, com \$415.

Entre 1820 e o presente, as diferenças de renda se ampliaram, com poucas exceções. Os países que eram os mais ricos em 1820 foram os que mais cresceram. Os países ricos de hoje têm rendas médias de \$25.000-

**Tabela 1. PIB per capita no mundo, 1820-2008**

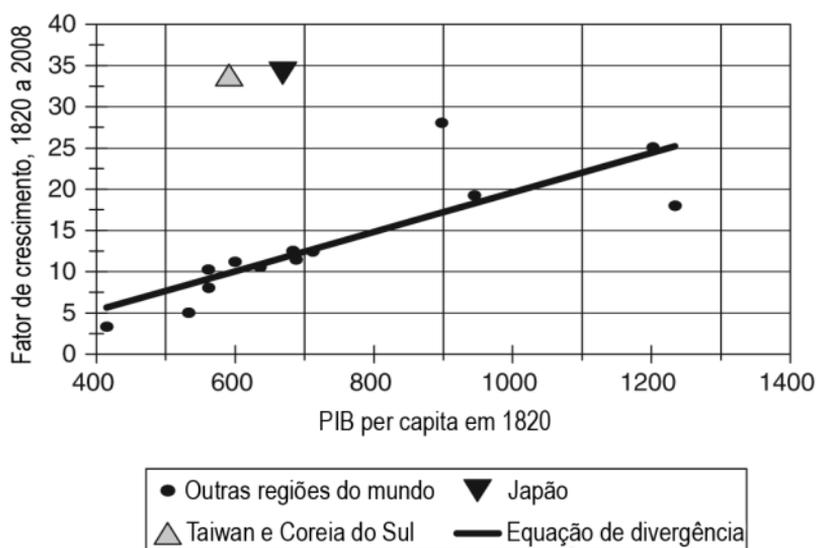
	<b>1820</b>	<b>1913</b>	<b>1940</b>	<b>1989</b>	<b>2008</b>
Grã-Bretanha	1.706	4.921	6.856	16.414	23.742
Holanda	1.838	4.049	4.832	16.695	24.695
Outros países da Europa Ocidental	1.101	3.608	4.837	16.880	21.190
Europa Mediterrânea	945	1.824	2.018	11.129	18.218
Europa Setentrional	898	2.935	4.534	17.750	25.221
EUA, Canadá, NZ, Austrália	1.202	5.233	6.838	21.255	30.152
Europa Oriental	683	1.695	1.969	5.905	8.569
URSS	688	1.488	2.144	7.112	7.904
Argentina, Uruguai, Chile	712	3.524	3.894	6.453	8.885
Outros países da América Latina	636	1.132	1.551	4.965	6.751
Japão	669	1.387	2.874	17.943	22.816

Taiwan e Coreia do Sul	591	835	1.473	8.510	20.036
China	600	552	562	1.834	6.725
Subcontinente Indiano	533	673	686	1.232	2.698
Ásia Oriental	562	830	840	2.419	4.521
Oriente Médio & África do Norte	561	994	1.600	3.879	5.779
África subsaariana	415	568	754	1.166	1.387
Mundo	666	1.524	1.958	5.130	7.614

O PIB mede a produção total de bens e serviços numa economia, bem como a receita total gerada por ela. Nesta tabela, o PIB está expresso em dólares americanos de 1990, para que o volume de produção (receita real) possa ser comparado no tempo e no espaço. Nota: A Grã-Bretanha inclui a Irlanda do Norte desde 1940.

\$30.000, a maior parte da Ásia e da América Latina tem rendas médias de \$5.000-\$10.000, enquanto a África subsaariana alcançou apenas \$1.387. O fenômeno da divergência está realçado na Figura 1, onde as regiões à direita com rendas mais altas em 1820 tiveram os maiores fatores de crescimento da renda, e as regiões à esquerda com rendas iniciais mais baixas tiveram menores fatores de crescimento. A Europa e os ramos britânicos multiplicaram sua renda de 17 a 25 vezes. A Europa Oriental e boa parte da Ásia começaram com rendas mais baixas e conseguiram decuplicá-las. O sul da Ásia, o Oriente Médio e grande parte da África subsaariana foram menos afortunados, mais pobres em 1820 e obtendo ganhos de renda de apenas 3 a 6 vezes. Ficaram ainda mais atrás do Ocidente. A “equação de divergência” sintetiza esse padrão.

Existem exceções na divergência de rendas. O Extremo Oriente é a mais importante delas, pois é a única região que contrariou a tendência e melhorou sua posição. O Japão foi o maior êxito do século XX, pois sem dúvida



**Figura 1. A grande divergência**

era um país pobre em 1820 e conseguiu cobrir a distância de renda e alcançou o Ocidente. Igualmente acelerado foi o crescimento da Coreia do Sul e de Taiwan. A União Soviética foi outro êxito, embora menos completo. A China, hoje, pode estar repetindo a proeza.

A industrialização e a desindustrialização foram causas fundamentais na divergência das rendas mundiais (Figura 2). Em 1750, a maior parte da manufatura do mundo se concentrava na China (33% do total mundial) e no subcontinente indiano (25%). A produção *per capita* era mais baixa na Ásia do que nos países mais ricos da Europa Ocidental, mas os diferenciais eram relativamente pequenos. Em 1913, o mundo tinha se transformado. A participação da China e da Índia na manufatura mundial caíra para 4% e 1%, respectivamente. O Reino Unido, os Estados Unidos e a Europa respondiam por três quartos do total. A produção manufatureira *per capita* no Reino Unido era 38 vezes maior do que a da China e 58 vezes maior do que a da Índia. Não só a produção britânica cresceu enormemente, como também houve um declínio da manufatura em termos absolutos na China e na Índia, visto que suas indústrias têxteis e metalúrgicas foram desbancadas pelos produtores mecanizados do Ocidente. No século XIX, a Ásia se transformou, passando de centro manufatureiro mundial a um conjunto de países subdesenvolvidos de tipo clássico, especializados na produção e exportação de produtos agrícolas.

A Figura 2 apresenta alguns pontos de inflexão na história mundial. De 1750 a 1880, a Revolução Industrial britânica foi o grande acontecimento. Nesse período, a participação da Grã-Bretanha na manufatura mundial passou de 2% para 23%, e foi a concorrência britânica que destruiu a manufatura tradicional da Ásia. O período de 1880 até a Segunda Guerra Mundial foi marcado pela industrialização dos Estados Unidos e da Europa continental,

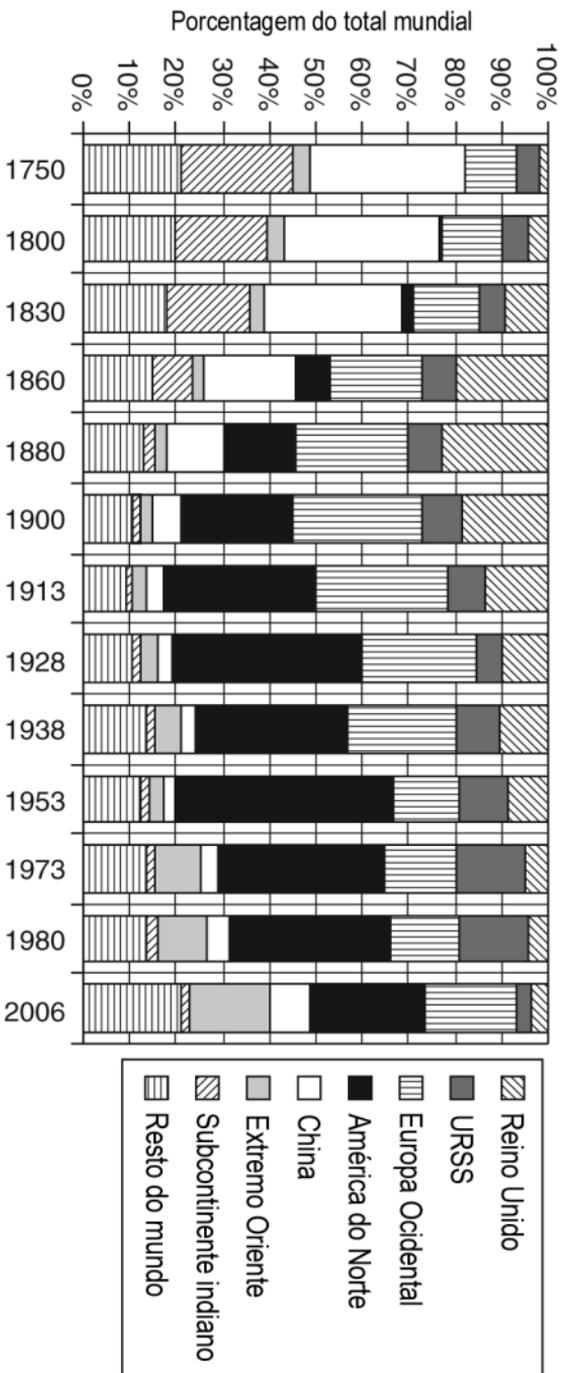


Figura 2. Distribuição da manufatura mundial

em particular da Alemanha. Suas participações chegaram, respectivamente, a 33% e 24% em 1938. A Grã-Bretanha perdeu terreno para esses concorrentes, e sua participação caiu para 13%. Desde a Segunda Guerra Mundial, a participação da URSS na produção industrial mundial teve um aumento acentuado até os anos 1980 e depois uma grande quebra, quando os países pós-soviéticos entraram em declínio econômico. O milagre do Extremo Oriente viu um aumento da participação na produção industrial mundial no Japão, Taiwan e Coreia do Sul, com 17%. A China também vem se industrializando desde 1980, e em 2006 produziu 9% das manufaturas mundiais. Se a China alcançar o Ocidente, o mundo fechará o círculo.

### **Salários reais**

O PIB não é uma medida adequada do bem-estar. Ele deixa de fora muitos fatores, como saúde, expectativa de vida e nível de instrução. Além disso, a ausência de dados muitas vezes dificulta calcular o PIB; de todo modo, ele pode ser enganador, pois faz uma média entre as rendas dos ricos e dos pobres. Esses problemas podem ser contornados calculando os “salários reais”, isto é, o padrão de vida que pode ser adquirido com os vencimentos individuais. Os salários reais nos revelam muito sobre o padrão de vida do indivíduo médio e ajudam a explicar as origens e a expansão da indústria moderna, pois o incentivo para aumentar a quantidade de máquinas usadas por cada trabalhador é maior quando a mão de obra é mais cara.

Vou me concentrar nos trabalhadores. Para medir o padrão de vida, é preciso comparar seus salários e os preços dos bens de consumo, e é preciso ter uma média desses preços para calcular um índice de preços ao consumidor. Meu índice é o custo para manter um homem no nível mínimo de subsistência (a maneira menos dispendiosa de

ficar vivo). A dieta é de tipo vegetariano. A principal fonte de calorias são cereais cozidos ou pão ázimo, os legumes constituem um complemento rico em proteínas, a manteiga ou o óleo vegetal fornecem um pouco de gordura. Esta era a alimentação típica no mundo em 1500. Francisco Pelsaert, um comerciante holandês que visitou a Índia no começo do século XVII, observou que as pessoas em Délhi “não têm nada além de um pouco de *kedgerie*, feito de feijões misturados com arroz... comido com manteiga no final da tarde, hora em que mascam um pouco de fava seca ou outro grão”. Os trabalhadores “pouco conhecem o gosto da carne”. Na verdade, quase todas as carnes eram tabu.

A Tabela 2 mostra o padrão de consumo definindo a subsistência mínima para um homem adulto. A alimentação se baseia no cereal mais barato disponível em cada parte do mundo – aveia no noroeste da Europa, milho no México, painço no norte da Índia, arroz na costa da China e assim por diante. A quantidade de cereal é determinada de maneira que a dieta forneça 1.940 calorias diárias. As despesas excluindo a alimentação se restringem a peças de tecido, um pouco de combustível e algumas velas. As despesas se concentram na alimentação e, melhor dizendo, no carboidrato que é o componente da dieta.

A questão fundamental no padrão de vida é se um trabalhador em tempo integral ganhava o suficiente para sustentar uma família no nível mínimo de subsistência.

A Figura 3 mostra a relação entre salários por trabalho em tempo integral e o custo de sustento familiar. Hoje, os padrões de vida são semelhantes em toda a Europa. A última vez em que isso aconteceu foi no século XV. Os padrões de vida naquela época também eram altos: os trabalhadores ganhavam cerca do quádruplo do mínimo necessário para a subsistência. No século XVIII, porém, havia ocorrido uma grande divergência na Europa. O

**Tabela 2. Cesta básica**

<b>alimento</b>	<b>quantidade/ homem/ano</b>	<b>calorias diárias</b>	<b>proteína diária (gramas)</b>
cereal	167 kg	1.657	72
leguminosa	20 kg	187	14
carne	5 kg	34	3
manteiga	3 kg	60	0
total		1.938	89

<b>não alimento</b>			
sabão	1,3 kg		
linho/algodão	3 m		
velas	1,3 kg		
óleo de lampião	1,3 l		
combustível	2 milhões de BTUs		

Nota: A tabela se baseia em quantidades e valores nutricionais da dieta da Europa Ocidental e setentrional, à base de aveia. Para outras partes do mundo, a dieta utiliza o cereal mais barato disponível e, conseqüentemente, as quantidades exatas variam.

padrão de vida no continente despencou, e os trabalhadores ganhavam o suficiente apenas para comprar os itens da Tabela 2 ou equivalentes. Na Idade Média, os trabalhadores florentinos comiam pão, mas no século XVIII só podiam comer polenta, com o milho recém-chegado das Américas.

Em contraste, os trabalhadores em Amsterdã e Londres ainda ganhavam o quádruplo do mínimo de subsistência. Mas os trabalhadores de Londres em 1750 não comiam o quádruplo da aveia especificada na Tabela 2.